

A vulnerabilidade do poder: Arte política e narrativas visuais da migração na obra de Abdalla Al Omari

The Vulnerability of Power: Political Art and Visual Narratives of Migration in the Work of Abdalla Al Omari

Jesner Esequiel dos Santos

jesner.eds@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-7705-657X>

Suzana Ramos Coutinho

srcoutinho@pucsp.br

Universidade Presbiteriana Mackenzie/
Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo

São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5629-1914>

Soraya Cassia de Almeida Vasconcelos

sorayasopy03@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0008-5419-2729>

Resumo | Abstract

Este artigo analisa a obra do artista Abdalla Al Omari, com foco na série *The Vulnerable*, como intervenção estética nos regimes visuais que estruturam as narrativas contemporâneas da migração. Partindo da questão de como a vulnerabilidade pode operar como linguagem política nas artes visuais, sustenta-se que Omari subverte a iconografia hegemônica do poder ao retratar líderes globais na condição de refugiados, realizando uma inversão iconográfica que desloca o privilégio simbólico da invulnerabilidade e reinscreve a vulnerabilidade como categoria crítica transnacional. Metodologicamente,

o artigo combina estudo de caso e análise visual qualitativa e interpretativa das obras, articulando descrição formal, leitura crítica e contextualização histórico-política. Em diálogo com Ariella Azoulay, Jacques Rancière, Walter Benjamin e Judith Butler, examina-se ainda como a circulação digital dessas imagens amplia sua potência crítica, operando como contra-arquivo e produzindo dissenso para além do circuito artístico institucional. Por fim, discute-se o exílio não apenas como circunstância biográfica, mas como método estético e epistemológico, capaz de articular memória, denúncia e imaginação coletiva em meio às crises migratórias e humanitárias contemporâneas.

This article analyzes the work of artist Abdalla Omari, focusing on *The Vulnerable* series, as an aesthetic intervention in the visual regimes that shape contemporary narratives of migration. Starting from the question of how vulnerability can operate as a political language in visual art, it argues that Omari subverts hegemonic iconographies of power by portraying world leaders as refugees, enacting an iconographic inversion that displaces the symbolic privilege of invulnerability and reinscribes vulnerability as a transnational critical category. Methodologically, the article combines a case study with qualitative, interpretive visual analysis, integrating formal description, critical reading, and historical-political contextualization. Drawing on Ariella Azoulay, Jacques Rancière, Walter Benjamin, and Judith Butler, it further examines how the digital circulation of these images enhances their critical potential by functioning as a counter-archive and producing dissensus beyond the institutional art circuit. Finally, exile is discussed not merely as a biographical condition but as an aesthetic and epistemological method that articulates memory, denunciation, and collective imagination amid contemporary migratory and humanitarian crises.

Palavras-chave | Keywords

Artivismo digital • Inversão iconográfica • Regimes de visibilidade • Contra-arquivo • Migração

Digital activism • Iconographic inversion • Regimes of visibility • Counter-archive • Migration

1. Introdução

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a expansão das redes sociais nas últimas duas décadas transformaram profundamente as formas de comunicação, participação política e expressão artística. Nesse contexto, o artivismo digital tem sido mobilizado para designar práticas que articulam criação estética e

intervenção política por meio de plataformas digitais, operando na interseção entre arte contemporânea, ativismo e cultura visual. Diferentemente do ativismo digital, orientado à mobilização direta e à ação instrumental, o artivismo digital se caracteriza pela centralidade da operação estética e pela produção de dissenso no campo do sensível, atuando sobretudo na disputa dos regimes de visibilidade (Rancière, 2010; Mirzoeff, 2011; Azoulay, 2019). Trata-se de um campo em que a criatividade se articula à intervenção política, mobilizando estratégias visuais, sonoras e performativas para questionar narrativas dominantes. O artivismo, assim, revela-se como dispositivo crítico e insurgente, capaz de reorganizar sensibilidades e criar novas formas de comunidade.

Em tempos de vigilância algorítmica e intensificação das crises humanitárias, a arte digital engajada se torna um recurso crucial para dar visibilidade a experiências de vulnerabilidade, deslocamento e resistência que muitas vezes permanecem invisibilizadas pelos discursos hegemônicos. Ao propor contribuições que articulem genealogias, quadros teóricos, metodologias e práticas do artivismo digital, destacamos a importância de compreender o potencial transformador das artes digitais no enfrentamento de desigualdades sociais e políticas.

É nesse cenário que se insere a obra de Abdalla Al Omari, artista sírio exilado em Bruxelas, cuja série *The Vulnerable* representa um gesto estético-político radical: retratar líderes mundiais na condição de refugiados. Essa inversão iconográfica desconstrói representações cristalizadas do poder e reinscreve a vulnerabilidade como categoria política transnacional. Omari constitui um confronto crítico que interpela o espectador, convidando-o a reconsiderar o lugar da fragilidade na configuração das relações de poder. O gesto artístico desestabiliza o privilégio da invulnerabilidade atribuído às elites políticas e revela que a vulnerabilidade é constitutiva de toda vida social, ainda que distribuída de forma desigual.

A escolha metodológica insere-se em um debate mais amplo sobre as narrativas visuais da migração e a circulação global de imagens. Partindo do questiona-

mento de como a vulnerabilidade pode operar como linguagem política nas artes visuais contemporâneas. O artigo tem como objetivo analisar de que forma a série *The Vulnerable* mobiliza estratégias estéticas capazes de subverter representações hegemônicas do poder político e reinscrever a vulnerabilidade como categoria crítica transnacional. Metodologicamente, trata-se de uma análise qualitativa e interpretativa de imagens, articulada a um estudo de caso, que combina leitura visual crítica e enquadramento teórico no campo dos estudos da imagem e da estética política. Autores como Ariella Azoulay (2019) e Jacques Rancière (2010) oferecem ferramentas conceituais para compreender como a fotografia e as artes visuais participam da disputa política contemporânea.

Para Azoulay, as imagens não são meros registros, mas atos constitutivos de regimes de visibilidade, atravessados por legados coloniais que definem quem pode ser visto e de que forma; sua proposta de contra-arquivo aponta para a necessidade de recuperar experiências marginalizadas e desfazer as lógicas de exclusão impostas pelos “obturadores imperiais”. Já Rancière ressalta que a arte é política não apenas pelo conteúdo explícito, mas por reorganizar o “partilhar do sensível”, instaurando novas formas de experiência coletiva. A obra de Omari dialoga com essas perspectivas ao inverter papéis e atribuir vulnerabilidade a líderes globais, produzindo dissenso e abrindo espaço para novas formas de empatia e reconhecimento.

Ao mesmo tempo, buscamos situar a produção de Omari em um campo expandido, em que Edward Said (2003) precisamente descreveu como posição de estranhamento crítico própria do exílio, revelando que a arte migrante vai além da representação do sofrimento: ela propõe narrativas alternativas, denuncia hierarquias de poder e afirma a dignidade das populações deslocadas. A vulnerabilidade, nesse sentido, não é compreendida como fragilidade passiva, mas como condição relacional e potência política, como argumenta Butler (2004) ao tratar da precariedade como base de novas formas de responsabilidade coletiva.

Neste percurso analítico, o artigo organiza-se em quatro momentos principais. Primeiramente, discute-se o enquadramento teórico do ativismo digital, articulando os aportes de autores como Azoulay (2012), Rancière (2019), Benjamin (2012) e Butler (2004) para compreender os regimes de visibilidade e as disputas políticas em torno das imagens. Em seguida, contextualiza-se a trajetória de Abdalla Al Omari no cenário da Primavera Árabe e do exílio sírio, destacando como sua experiência pessoal atravessa a elaboração estética de sua obra. O terceiro momento é dedicado à análise da série *The Vulnerable*, examinando as estratégias visuais utilizadas pelo artista para inverter papéis de poder e reinscrever a vulnerabilidade como linguagem política transnacional. Por fim, o artigo insere Omari em uma genealogia mais ampla de artistas migrantes e refugiados, evidenciando como sua produção dialoga com contra-narrativas visuais que desafiam representações hegemônicas da migração e contribuem para imaginar novas formas de comunidade e responsabilidade global. Essa abordagem permite compreender a obra de Omari não apenas como expressão individual, mas como exemplo paradigmático do ativismo digital contemporâneo, inscrito em genealogias de resistência artística e aberto às dinâmicas de circulação em rede que caracterizam a era digital.

2. Arte política, imagem e migração

As migrações contemporâneas configuram um fenômeno histórico, geopolítico e político profundamente enraizado em processos de colonização, guerras, regimes de fronteira e desigualdades globais. Nesse sentido, a migração constitui um campo de disputa central da contemporaneidade, no qual se definem quais vidas podem circular, quais devem ser contidas e quais permanecem invisíveis. Essas disputas não se dão apenas nos âmbitos jurídico e territorial, mas também no plano simbólico e visual. As imagens que circulam sobre migrantes e refugiados, produzidas por meios de comunicação, instituições estatais, organizações

humanitárias e práticas artísticas, desempenham papel decisivo na formação de percepções públicas, afetos morais e enquadramentos políticos da migração. Elas contribuem para legitimar políticas de exclusão, securitização ou assistência, ao mesmo tempo em que podem operar como dispositivos críticos capazes de questionar tais regimes.

É a partir dessa compreensão da migração como problema político e visual que este artigo mobiliza contribuições da teoria crítica da imagem e da estética política. Autores como Ariella Azoulay, Jacques Rancière e Walter Benjamin são aqui acionados como ferramentas analíticas para compreender como imagens e práticas artísticas participam ativamente da construção dos regimes de visibilidade que moldam o debate migratório contemporâneo. O diálogo entre esses autores permite analisar de que modo a arte pode tanto reproduzir quanto desestabilizar enquadramentos hegemônicos que reduzem migrantes e refugiados à condição de vítimas passivas, ameaças securitárias ou sujeitos invisibilizados.

Nesse cruzamento interdisciplinar entre migração, política e imagem, o artigo se posiciona no campo dos estudos críticos das narrativas visuais da migração, entendendo a arte política não como mera ilustração de processos sociais, mas como espaço de disputa simbólica capaz de reorganizar sensibilidades, produzir dissenso e tensionar hierarquias de poder.

No campo dos estudos visuais críticos, Ariella Azoulay (2019) oferece uma contribuição central para compreender a migração como problema político inscrito nos regimes de visibilidade contemporâneos. Para a autora, a fotografia e suas extensões nas artes visuais não devem ser entendidas como simples registros da realidade, mas como atos políticos que participam ativamente da produção de sujeitos, territórios e fronteiras. Essa perspectiva é particularmente relevante para o estudo das migrações, pois evidencia como imagens de refugiados e deslocamentos forçados operam na transformação de sujeitos de direitos em corpos governáveis, assistidos ou descartáveis.

A autora nos é útil para pensarmos a migração como campo de disputa visual contemporânea, uma vez que as fotografias de ocupações, de refugiados e de movimentos migratórios, e a conseqüente extensão nas artes visuais digitais, tornam-se alvos de reproduções de imagens em que os sujeitos são deslocados da categoria de direitos para a de corpos descartáveis. Nessas representações, existe, na visão de Azoulay, um forte indício das relações de poder que reforçam a visão imperialista de domínio e extermínio. Ao analisar essas imagens, a autora nos oferece ferramentas fundamentais para pensar como a fotografia e suas extensões nas artes visuais digitais participam ativamente da produção de sujeitos migrantes enquanto corpos governáveis, frequentemente deslocados da categoria de cidadãos para a de vidas descartáveis. Para ela, tais representações estão atravessadas por legados coloniais que sustentam visões imperialistas de controle, exclusão e violência, exigindo o que ela denomina um esforço de “desaprender o imperialismo”. Essa crítica se materializa na analogia entre o obturador da câmera, responsável pela imagem técnica, e os “obturadores imperiais”, mecanismos políticos que regulam quem pode ser visto, de que forma e sob quais condições.

A noção de “obturadores imperiais” proposta pela autora nos permite analisar criticamente os enquadramentos visuais que naturalizam a exclusão e a violência associadas às migrações. Assim como o obturador da câmera regula o que entra ou não no campo da imagem, os regimes políticos e midiáticos regulam quem pode ser visto, de que forma e sob quais condições. No contexto migratório, esses obturadores atuam ao fragmentar trajetórias históricas, apagar responsabilidades coloniais e reduzir experiências complexas de deslocamento a imagens de crise, sofrimento ou ameaça.

A proposta de “desaprender o imperialismo” formulada por Azoulay não se limita a uma crítica abstrata, mas aponta para práticas visuais concretas capazes de reconfigurar esses regimes. Entre elas, destacam-se a constituição de contra-arquivos, a valorização de autorrepresentações e a reconfiguração da posição do espectador, convocado a reconhecer

sua implicação política no ato de ver. Tais práticas permitem pensar formas de restituição simbólica (e, em certa medida, também material) ao reinscrever populações migrantes e refugiadas como sujeitos de memória, narrativa e direito, e não apenas como objetos de intervenção humanitária ou securitária.

Nesse sentido, a abordagem de Azoulay fornece ao presente artigo uma chave analítica para examinar como práticas artísticas contemporâneas podem intervir nos regimes de visibilidade da migração, deslocando enquadramentos hegemônicos e produzindo fissuras nos discursos dominantes sobre mobilidade, pertencimento e vulnerabilidade.

Já a contribuição de Jacques Rancière (2010) permite aprofundar a análise da arte política ao deslocar o debate do conteúdo explícito das imagens para os modos como elas reorganizam o campo do sensível. Para o autor, a arte é política não por representar temas sociais ou denunciar injustiças de forma direta, mas por instituir novas formas de visibilidade, audibilidade e reconhecimento no espaço comum (Rancière, 2010, p. 47). Essa abordagem é particularmente relevante para o estudo das narrativas visuais da migração, uma vez que evidencia como determinadas imagens reforçam consensos em torno da exclusão, enquanto outras produzem dissenso ao deslocar os enquadramentos dominantes que definem quem pode aparecer como sujeito político.

No contexto migratório, a noção de “partilha do sensível” (Rancière, 2010, p. 21) permite compreender como regimes visuais distribuem lugares, vozes e corpos, definindo quais vidas são percebidas como legítimas, ameaçadoras ou descartáveis. Imagens que reiteram a migração como crise, perigo ou excepcionalidade contribuem para a naturalização de políticas securitárias e de contenção. Em contraste, práticas artísticas que reconfiguram esses enquadramentos podem instaurar fissuras no consenso, abrindo espaço para novas formas de percepção e de reconhecimento da experiência migrante.

Em diálogo com essa perspectiva, Walter Benjamin (1987) oferece uma chave histórica fundamental ao distinguir entre a esteticização da política, caracte-

terística de regimes autoritários, que transformam o poder em espetáculo, e a politização da arte, entendida como prática capaz de intervir criticamente nas relações sociais. A reflexão de Benjamin (1987, p. 195) sobre a reprodutibilidade técnica da arte permite compreender como a circulação ampliada de imagens pode tanto servir à manipulação quanto à emancipação. No campo da migração, há a coexistência entre imagens que espetacularizam o sofrimento e aquelas que, ao circularem de forma crítica, tensionam os dispositivos de poder que governam a mobilidade.

Ao articular Rancière e Benjamin, este artigo adota uma concepção de arte política que não se reduz ao engajamento temático, mas se concentra na capacidade das imagens de reorganizar regimes de visibilidade e de produzir dissenso. Essa abordagem fornece um quadro analítico para examinar como práticas artísticas contemporâneas podem intervir nas narrativas hegemônicas sobre migração, deslocando o olhar do espectador e desestabilizando as hierarquias simbólicas que sustentam políticas de exclusão.

Ao articular as contribuições de Azoulay, Rancière e Benjamin, este artigo se posiciona em uma abordagem interdisciplinar que compreende as narrativas visuais da migração como espaços centrais de disputa política. De Azoulay, herda-se a compreensão da imagem como ato político inscrito em regimes de visibilidade historicamente marcados pelo colonialismo e pela gestão desigual da mobilidade. De Rancière, mobiliza-se a noção de dissenso e de partilha do sensível para analisar como práticas artísticas podem reconfigurar quem é visto, ouvido e reconhecido no debate migratório. De Benjamin, retoma-se a atenção à circulação técnica das imagens e à ambivalência entre espetacularização e potencial crítico da arte. Importa-nos destacar que esse enquadramento teórico-conceitual não é empregado como um fim em si mesmo, mas como um conjunto de ferramentas analíticas para a leitura de práticas artísticas contemporâneas que intervêm nos regimes hegemônicos de representação da migração. Ele orienta a análise do caso de Omari ao permitir examinar como a inversão iconográfica do poder, a mobilização da

vulnerabilidade e a circulação ampliada das imagens operam como estratégias estéticas capazes de produzir dissenso, tensionar hierarquias visuais e reinscrever sujeitos deslocados no campo do sensível.

A aplicação desse enquadramento teórico requer, contudo, a compreensão dos contextos históricos e políticos específicos nos quais as práticas artísticas analisadas emergem. No caso de Omari, sua produção está diretamente vinculada à experiência do exílio sírio e aos desdobramentos da Primavera Árabe, processos que articulam violência estatal, deslocamento forçado e regimes autoritários de visibilidade. Assim, antes de examinar suas obras, torna-se necessário situar a trajetória do artista no cenário sociopolítico que molda sua experiência e sua gramática visual, evidenciando como o exílio se constitui não apenas como condição biográfica, mas como matriz estética e política de sua produção.

3. Abdalla Al Omari: exílio e vulnerabilidade como gramática política

3.1 Breve contextualização da Primavera Árabe na Síria

A trajetória de Abdalla Al Omari, assim como a de inúmeros refugiados, deve ser analisada à luz do contexto sociopolítico decorrente da Primavera Árabe e da guerra civil síria. Esses acontecimentos configuraram elementos decisivos tanto na formação temática e estrutural de sua produção artística quanto em sua experiência pessoal. Ao representar, em suas obras, a realidade dos refugiados sírios, Omari não apenas denuncia uma condição coletiva, mas também projeta aspectos de sua própria vivência.

A Primavera Árabe não pode ser definida ou recortada analisando apenas o contexto sírio, uma vez que possui antecedentes históricos, religiosos, sociais e políticos que moldaram as manifestações e os confrontos no país (Coutinho & Santos, 2022, p. 3). Conforme observa Momami (2014), grande parte dos estudos publicados sobre o evento concordam que o ato propulsor das revoltas aconteceu na Tuní-

sia, em dezembro de 2010, quando um jovem, com diploma universitário, decide trabalhar de maneira informal, nas ruas da cidade, devida a crise econômica no país e à escassez de empregos, principalmente em sua faixa etária. Após ser impedido de atuar pelas autoridades locais, sofrer extorsão e ter sua barraca destruída, além de ser agredido pela polícia ao recusar o pagamento da propina, o jovem, Mohamed Bouazizi (1984–2011), resolve atear fogo ao próprio corpo em protesto público, morrendo no hospital, pouco tempo depois, devido aos graves ferimentos.

O ato teve uma enorme repercussão dentro e fora da Tunísia, impulsionado pelo uso das redes sociais como instrumento de organização dos protestos e de circulação de imagens contrárias ao governo, seja por meio de registros digitais ou através de grafites e painéis artísticos, espalhados pelo espaço urbano. Esse fenômeno foi denominado por Fayyad (2021) como a “revolução das mídias sociais”. Em paralelo, determinados grupos recorreram ao uso de armas na tentativa de depor seus governantes, o que contribuiu para a intensificação dos confrontos e para a radicalização dos movimentos de resistência (Ianchovichina & Devarajan, 2021, p. 2).

Na Síria o cenário político encontrava-se consolidado desde 1970 quando Hafez al-Assad assumiu o poder, sustentando-o por décadas com base no fortalecimento das instituições militares e na formação de alianças políticas que beneficiavam sua família e a elite alaúita (Wallace, 2017, p. 8), grupo religioso e étnico ao qual pertencia e que representava apenas 12% da população em 2011.¹ Nesse mesmo ano, já sob a liderança de seu filho, Bashar al-Assad, iniciaram-se os protestos no país.

Seale (2011) observa que o evento desencadeador na Síria ocorreu na cidade de Dara, quando crianças e adolescentes escreveram frases de contes-

¹ “Syria’s Alawites, a secretive and persecuted sect.” (Reuters. January 31, 2012). <http://www.reuters.com/article/us-syria-alawites-sect-idUSTRE80U1HK20120131> (acesso em 28 de agosto de 2025).

tação ao governo em muros locais. Tal ato ganhou grande dimensão, em virtude da resposta das autoridades, que prenderam alguns dos envolvidos e os submeteram a torturas físicas e psicológicas, apesar de ainda serem menores de idade. Uma dessas crianças faleceu em decorrência dos ferimentos, Hamza al-Khatib, de apenas treze anos de idade, inflamando ainda mais a revolta popular (Williamson, 2024).

Os protestos, inicialmente, seguiram o mesmo padrão dos demais países envolvidos na Primavera Árabe, como a grande mobilização através das redes sociais, as concentrações populares em praças, o aumento das pichações e o uso da arte como uma forma de revolta. De acordo com Halasa & Omateen (2014, p. 7), nessa época, muitos sírios nutriam a expectativa de que as manifestações poderiam assumir um curso diferente em seu país, sem a necessidade de confrontos armados, como ocorreu no Egito e na Tunísia. Sendo assim, vimos emergir uma identidade revolucionária especificamente síria, expressa por meio de cartazes políticos, performances, produções musicais, teatrais e audiovisuais.

Nesse cenário, mesmo indivíduos sem formação ou prática artística prévia, passaram a explorar dimensões criativas, até então inexploradas, pois eram coibidos em um país caracterizado pelo rigoroso controle estatal, principalmente na repressão da liberdade de expressão. A arte passou a ser concebida como instrumento de resistência e componente da justiça social, representando uma vida compartilhada, não destruída, que supostamente seria capaz de proteger a Síria das forças de Assad e dos grupos extremistas (Halasa & Omateen, 2014, p. 8).

3.2 Narrativas visuais e ativismo artístico no contexto sírio

Os autores Halasa & Omateen (2014, p. 8) apontam que, embora alguns autores não reconheçam o ativismo artístico como manifestação da cultura popular, para os artistas sírios essa prática, usando a arte e a liberdade, constituiu uma ruptura significa-



Figura 1. Abu Malek al-Shami arte nos escombros de um prédio em Darayya. Fonte: <https://www.bbc.com/news/magazine-37523340>

tiva com quatro décadas de repressão e censura. No entanto, com o aumento das manifestações, houve um aumento do uso da força bélica, assim como ressalta Wallace (2017, p. 11), a repressão governamental aos protestos atingiu níveis extremos, com as forças militares de Assad abrindo fogo contra a população, intensificando a revolta e propiciando o surgimento de grupos rebeldes armados, formados tanto por desertores quanto por cidadãos comuns insatisfeitos com a situação do país.

Muitos artistas sírios participaram ativamente do processo de resistência, alguns por meio de sua arte e crítica social, outros de forma mais bélica, empunhando armas, como no caso do artista Abu Malek al-Shami, que integrou o Free Syrian Army (FSA),² ficando posteriormente conhecido como o “Banksy da Síria” (Wallace, 2017, p. 21), graças às similaridades de sua arte (Figura 1). Esse, entretanto, não foi o caminho seguido por Omari, que, diante da escalada da violência, viu-se pressionado a abandonar sua residência e buscar refúgio em outro país, uma vez que sua integridade física passou a ser ameaçada. A decisão de exílio foi impulsionada pelo fato de Damasco, sua cidade natal, ter se tornado um dos epicentros dos combates entre

² “In pictures: How a rebel fighter became ‘Syria’s Banksy’” (BBC News) <https://www.bbc.com/news/magazine-37523340> (acesso em 05/07/2025).

os rebeldes do FSA e as forças governamentais de Bashar al-Assad.³

De acordo com a Ayyam Gallery,⁴ Omari é um artista multidisciplinar sírio, nascido em Damasco, em 1986, já sob o domínio político da família Assad, experiência que marcou profundamente sua visão de mundo. Sua formação acadêmica iniciou-se em Literatura Inglesa pela Universidade de Damasco, concluída em 2009, mesmo ano em que finalizou seus estudos no Instituto Adham Ismail de Artes Visuais.⁵

Na obra de Catalani (2019, p. 5) temos acesso às formas de viver de muitos refugiados, advindos de um contexto de guerra, que de modo significativo, sentem o sofrimento advindo da ausência de pertencimento, uma vez que não compartilham integralmente das referências culturais das sociedades que os recebem. Essa condição configura uma experiência paradoxal: por um lado, assegura-se a preservação da vida; por outro, persiste a dor provocada pela perda do lar e pela impossibilidade de retorno. Em consequência disso, os artistas refugiados convertem suas crises identitárias e o contínuo processo de redefinição e reconhecimento cultural, seja em nível individual ou quanto coletivo, em formas de expressão artística. Suas produções não apenas procuram dar sentido a essas tensões, mas também apontam para a construção de novas possibilidades de significação.

As narrativas elaboradas por esses artistas despertam empatia em relação à condição humana dos refugiados e contribuem para a universalização da experiência migratória. Ao mesmo tempo, contestam, ainda que de modo sutil, os discursos oficiais de

marginalização e vitimização, ao afirmarem valores de resiliência e de orgulho cultural (Catalani, 2019, p. 2). Segundo o autor, refugiados e migrantes forçados compartilham uma expectativa fundamental: alcançar um lugar que possa ser reconhecido como lar, ainda que de modo provisório, uma vez que a permanência em seus países de origem representaria, em muitos casos, risco iminente à própria vida (p. 2). Nesse sentido, a experiência de Abdalla Al Omari, assim como a de inúmeros outros em situação de deslocamento forçado, é profundamente marcada por condições de vulnerabilidade, temática que se constitui como eixo central de sua produção artística.

4. The Vulnerable: inversão do poder e circulação das imagens

Wallace (2017, p. 49) descreve os desafios enfrentados por Abdalla Al Omari ao chegar na Bélgica, local que o recebeu como refugiado, destacando os desafios de viver em um novo país e em uma cultura distinta, além de enfrentar o peso da saudade e da experiência do deslocamento forçado. Nessa condição, Omari passa a explorar esteticamente suas próprias emoções, em especial a sensação de vulnerabilidade diante de uma vida determinada por forças externas e fora de seu controle. Em uma perspectiva mais ampla, sua produção passou a refletir a condição de milhões de pessoas submetidas ao mesmo processo, com ênfase no impacto do deslocamento forçado e da violência sobre as crianças.

O artista sírio, ao reconhecer a vulnerabilidade que marca a trajetória dos refugiados, intitula sua série de pinturas de modo a refletir essa condição. Nessa coleção, o artista evidencia as diversas formas pelas quais líderes mundiais permanecem distantes da experiência de seus próprios povos, revelando-se desconectados da realidade cotidiana daqueles que deveriam representar e proteger. Ao retratar tais líderes na condição de refugiados, Omari não apenas os desloca simbolicamente de suas posições de poder, mas também os reinsere em uma esfera de

³ “Syrian rebels battle for Homs, advance on Damascus; Assad’s rule at stake” (VOA Middle East) <https://www.voanews.com/a/7890701.html> (acesso em 29 de agosto de 2025).

⁴ “Abdalla Al Omari Biography” (Ayyam Gallery) <https://www.ayyamgallery.com/artists/44-abdalla-al-omari/biography/> (acesso em 28 de agosto de 2025).

⁵ Abdalla Al Omari (GK Gallery) <https://gkgallery.com/artist/abdullah-al-omari/> (acesso em 28 de agosto de 2025).

fragilidade e desamparo, subvertendo, dessa forma, as hierarquias de autoridade. Essa proposta deu origem à coleção *The Vulnerability Series*, apresentada pela primeira vez em 2017, na Affenfaust Galerie (Alemanha) e na Ayyam Gallery (Dubai).

A partir da autobiografia⁶ do artista, compreendemos que sua proposta estética e política consistiu em subverter os códigos tradicionais da propaganda visual. Enquanto a retórica propagandística tende a representar líderes como figuras grandiosas, portadoras de autoridade incontestável e revestidas de uma aura quase mítica de idealização, o artista opera em sentido inverso, desconstruindo essas imagens cristalizadas. Em vez de monumentalizá-los, opta por retratá-los em situações de vulnerabilidade, despidos de sua suposta majestade e inseridos em contextos que evidenciam sua fragilidade. Não se trata, entretanto, de mera caricatura ou de uma sátira simplista, pois o gesto artístico configura-se como um confronto crítico, no qual a imagem se converte em espaço de resistência diante dos discursos hegemônicos do poder.

Um exemplo emblemático dessa estratégia pode ser encontrado na obra *The Boat* (Figura 2). Nela, líderes de projeção internacional são representados atravessando um mar revolto, não na posição de governantes que comandam nações, mas como refugiados anônimos, reduzidos à condição de desamparo que tantas vezes ignoraram ou instrumentalizaram em suas políticas. A obra, portanto, opera como metáfora visual que tensiona a distância entre poder e vulnerabilidade, instaurando um campo reflexivo no qual o espectador é instigado a reconsiderar as narrativas políticas e sociais que sustentam a imagem dos grandes líderes contemporâneos.

Segundo Omari, a representação de líderes mundiais em um frágil barco de madeira, à deriva e em busca de um futuro incerto, ultrapassa a dimensão de uma mera metáfora visual, confi-



Figura 2. *The Boat* (2017) – exposição na Affenfaust Galerie. Fonte: <https://www.abdallaomari.com/the-boat>



Figura 3. *The Boat* (2017) – destaque com a presença de Bashar al-Assad. Fonte: <https://www.abdallaomari.com/the-boat>

gurando-se como um gesto político. Tal escolha estética evidencia a precariedade das estruturas de poder e, ao mesmo tempo, enfatiza a responsabilidade compartilhada pela configuração e pelos impasses do mundo contemporâneo. A escolha iconográfica é significativa, pois ao reunir nomes como Xi Jinping, Donald Trump, Barack Obama, Angela Merkel, Emmanuel Macron, Viktor Orbán, Bashar al-Assad, Theresa May, Kim Jong-un, David Cameron, Vladimir Putin, Narendra Modi, o Rei Salman e Ali Khamenei, o artista coloca lado a lado

⁶ Abdalla Al Omari (Biography) – <https://www.abdallaomari.com/biograph> (acesso em 05 de setembro de 2025).

líderes que, em diferentes graus e contextos, contribuíram para as crises humanitárias, geopolíticas e migratórias do presente.

Entre as diversas figuras retratadas, Bashar al-Assad (Figura 3) adquire centralidade recorrente nas obras de Omari. Essa ênfase não é casual, à medida que o líder sírio representa um dos principais responsáveis pela guerra civil na Síria, como também foi o catalisador da experiência pessoal do artista, cuja cidade natal foi parcialmente destruída pelo conflito. A insistência na presença de Assad funciona, portanto, como denúncia e memória, transformando a obra em um testemunho que articula experiência individual e crítica política.

Para o artista, o ato de pintar configura um gesto de resistência, um contraponto ao espetáculo do poder e, simultaneamente, uma reivindicação da verdade emocional. Suas telas não se limitam a retratar líderes políticos em posições desconfortáveis, elas instauram uma gramática visual na qual a vulnerabilidade adquire centralidade. Ao contrário de ser compreendida como sinal de fraqueza, a vulnerabilidade é apresentada como possibilidade radical de conexão humana. Nesse sentido, seus retratos de intimidade desconstróem a iconografia tradicional do poder (Figura 4), deslocando o olhar do espectador para uma esfera em que fragilidade e humanidade se encontram como valores subversivos.

Em entrevista concedida à Harper's Bazaar News⁷ Omari afirma que sua intenção não era a de se apropriar do poder dos líderes por conta da dor que sentiu, mas restituir-lhes a humanidade, oferecendo ao público uma percepção distinta acerca do “poder da vulnerabilidade” (Figura 5). Essa declaração revela a dimensão ética de sua obra, pois a humanização do governante não funciona



Figura 4. *The Vulnerability Series* (2017) – retrato de Bashar al-Assad. Fonte: <https://www.abdallao-mari.com/the-vulnerability-series>

como absolvição, mas como estratégia crítica que desmonta a distância simbólica entre governantes e governados.

A motivação do artista, nesse processo, articula-se a uma concepção quase romântica da vulnerabilidade, compreendida como potência estética e política. Ao retratar seus personagens sob essa perspectiva, Omari mobiliza uma forma paradoxal de empatia, na medida em que mesmo aqueles responsáveis por práticas de violência, guerra ou exclusão social são representados a partir da lógica da fragilidade humana. Tal escolha estética confronta as disposições normativas às quais a maioria das pessoas está habituada, uma vez que líderes políticos são comumente representados em posições de destaque e poder.

⁷ Abdalla Al Omari's The Vulnerability Series at Ayyam Gallery Aims to Provoke (Harper's Bazaar News) <https://www.harpersbazaararabia.com/culture/art/art-exhibitions/abdalla-al-omaris-the-vulnerability-series-at-ayyam-gallery-aims-to-provoke> (acesso em 05/09/2025).



Figura 5. *The Vulnerability Series* (2017) – retrato de Donald Trump. Fonte: <https://www.abdallao-mari.com/the-vulnerability-series>

Ao deslocá-los para a condição de refugiados, o artista promove uma inversão simbólica que os coloca em um plano de igualdade com sujeitos historicamente percebidos apenas sob o viés da vulnerabilidade.

As obras que integram a *Vulnerability Series*, segundo o próprio artista, não se limitam a oferecer um comentário visual sobre a precariedade atribuída aos líderes políticos, mas interpelam diretamente o espectador. Ao problematizar simultaneamente os significados de poder e vulnerabilidade, a série suscita diversas questões críticas. Nesse gesto, Omari diz buscar uma reestruturação do campo sensível, nos convidando a reconsiderar a dureza do presente e as condições do sofrimento humano.

5. Narrativas visuais da migração

À luz do enquadramento teórico apresentado, a proposta aqui é analisar criticamente a obra de Abdalla Al Omari como uma intervenção estética nos regimes visuais que estruturam as narrativas contemporâneas da migração. Em vez de reiterar imagens hegemônicas do refugiado como vítima passiva ou sujeito invisibilizado, a produção do artista opera uma inversão iconográfica ao deslocar líderes políticos globais para a posição de deslocados e refugiados. Esse gesto não apenas tensiona hierarquias simbólicas, mas reconfigura os enquadramentos por meio dos quais a migração é narrada e politicamente regulada.

Nossa análise parte da descrição visual das obras e de seus contextos de circulação para examinar como a vulnerabilidade é mobilizada como linguagem estética e política. Ao fazê-lo, busca-se compreender de que modo essas imagens produzem dissenso, deslocam o olhar do espectador e instauram novas possibilidades de empatia e reconhecimento no debate migratório contemporâneo.

As narrativas visuais hegemônicas da migração tendem a fixar o refugiado em enquadramentos recorrentes que o apresentam como ameaça securitária ou massa anônima em movimento. Essas imagens, amplamente difundidas por meios de comunicação produzem uma visualidade que naturaliza a assimetria entre quem governa e quem é governado, entre quem decide sobre fronteiras e quem as atravessa sob coerção. É nesse campo saturado de representações que a obra de Abdalla Al Omari intervém de modo decisivo.

Na série *The Vulnerable*, Omari realiza uma inversão iconográfica radical ao deslocar líderes políticos globais para a posição visualmente reservada aos refugiados. Presidentes, primeiros-ministros e chefes de Estado são retratados em situações de deslocamento e precariedade, vestindo roupas simples, carregando poucos pertences e ocupando espaços provisórios. É importante notar que este deslocamento não opera como sátira caricatural,

mas como estratégia estética de desestabilização dos códigos visuais que sustentam a separação simbólica entre governantes e governados.

O gesto central da série consiste, portanto, em reatribuir aos corpos do poder político os signos visuais tradicionalmente associados à vulnerabilidade migrante. Ao fazê-lo, Omari não apenas rompe com a iconografia oficial que monumentaliza líderes globais, mas também interrompe a lógica visual que associa deslocamento e precariedade exclusivamente aos sujeitos subalternizados. A migração deixa de ser apresentada como destino natural de determinados corpos e passa a ser reinscrita como condição produzida por decisões políticas, conflitos armados e regimes de poder.

A força dessa inversão reside no fato de que ela opera no nível da percepção antes de se articular como argumento discursivo. Ao reconhecer figuras amplamente identificáveis em situações de fragilidade, o espectador é confrontado com um curto-circuito visual que desorganiza expectativas e convoca uma reavaliação das hierarquias simbólicas que estruturam o olhar sobre a migração. Nesse sentido, a obra não oferece uma nova imagem do refugiado, mas desloca o lugar de enunciação do poder, expondo sua dependência de enquadramentos visuais que ocultam responsabilidades políticas na produção do deslocamento forçado. Assim, a inversão iconográfica operada por Omari pode ser compreendida como uma intervenção estética nos regimes de visibilidade da migração. Ao tornar visível a vulnerabilidade onde se espera invulnerabilidade, suas imagens desestabilizam o consenso visual que sustenta narrativas securitárias e humanitárias, abrindo espaço para uma leitura política que reconecta deslocamento, poder e responsabilidade. Esse movimento estabelece as bases para compreender como a vulnerabilidade deixa de ser apenas uma condição representada e passa a operar como linguagem estética e política na obra do artista.

Aqui a vulnerabilidade aparece como uma operação estética que se inscreve diretamente na materialidade dos corpos retratados. Nos retratos que compõem a *Vulnerability Series*, os líderes políticos

são apresentados em posturas retraídas, com olhares desviados ou baixos, gestos contidos e expressões faciais marcadas por exaustão, incerteza ou desalento. Esses elementos visuais rompem com a iconografia tradicional do poder, historicamente associada à frontalidade, ao domínio do espaço e à afirmação corporal. O enquadramento das imagens reforça essa operação. Os personagens são frequentemente posicionados em planos médios ou fechados, isolados do contexto monumental que costuma circundar representações oficiais de chefes de Estado. A ausência de símbolos institucionais (bandeiras, palácios, palanques) contribui para deslocar a leitura da autoridade para a condição humana exposta, enfatizando a precariedade como experiência corporal compartilhável. As vestimentas simples, por vezes gastas ou inadequadas ao clima, funcionam como marcadores visuais de deslocamento e transitoriedade, aproximando esses corpos dos repertórios iconográficos do refúgio e da migração forçada. O espectador é, assim, convidado a reconhecer que a precariedade não é exceção, mas condição constitutiva da vida social, ainda que distribuída de maneira desigual.

A vulnerabilidade, nesse contexto, não humaniza para desculpar, mas humaniza para tensionar: ela força o espectador a confrontar a coexistência entre poder político e fragilidade humana, revelando a assimetria entre aqueles que decidem sobre guerras, fronteiras e deslocamentos e aqueles que sofrem suas consequências.

Essa operação estética desloca, portanto, o regime de reconhecimento em jogo nas narrativas visuais da migração. Ao invés de reafirmar o refugiado como figura exclusivamente vulnerável, a obra redistribui a vulnerabilidade como experiência relacional, capaz de atravessar fronteiras simbólicas e identitárias. Nesse movimento, a imagem deixa de funcionar apenas como representação do sofrimento e passa a operar como dispositivo político que reorganiza afetos, percepções e responsabilidades.

A obra de Omari ilustra como o deslocamento, longe de ser apenas objeto temático, constitui um método estético e político que atravessa práticas artísticas

transnacionais contemporâneas. Esta noção de que o deslocamento pode ser entendido como método estético e político dialoga com reflexões contemporâneas sobre a condição migratória como experiência epistemológica. Said (2003), ao analisar o exílio, ressaltou seu caráter produtivo, ainda que doloroso: a impossibilidade de pertencimento integral força o sujeito a uma posição de estranhamento crítico diante de todas as culturas, gerando uma consciência aguda das fronteiras e das identidades. Essa experiência liminar, marcada por rupturas e reinvenções, encontra ressonância na obra de artistas migrantes e refugiados que transformam o exílio em uma gramática visual.

Nesse quadro, as práticas artísticas de migrantes e refugiados operam como contra-arquivos que registram histórias silenciadas e denunciam a violência estrutural dos regimes de fronteira. Butler (2004) contribui para essa leitura ao propor a vulnerabilidade como condição relacional que, quando visibilizada, pode se converter em potência política. Em artistas como Abdalla Al Omari, o gesto de deslocar líderes mundiais para a posição de refugiados traduz essa perspectiva: ao reinscrever a vulnerabilidade como linguagem estética, ele evidencia tanto a precariedade partilhada quanto as hierarquias que a distribuem de forma desigual. O deslocamento, nesse sentido, constitui uma metodologia estética e política que atravessa práticas transnacionais, permitindo que a arte não apenas represente, mas intervenha nos debates globais sobre pertencimento e cidadania.

A representação midiática do refugiado tende a reproduzir um repertório limitado de imagens que o situam em papéis fixos, ora como vítima passiva que depende da caridade internacional, ora como ameaça securitária associada a fluxos descontrolados e riscos à soberania nacional, e ora ainda como sujeito invisível, cuja presença é sistematicamente apagada no cotidiano das sociedades de acolhimento. Esses enquadramentos foram analisados por Lilie Chouliaraki e Myria Georgiou (2022), que mostraram como o discurso humanitário, embora mobilize a compaixão, reforça uma assimetria entre quem

sofre e quem observa, limitando o refugiado ao papel de objeto de empatia e não de agente político. Da mesma forma, Khosravi (2010) destaca como o regime de fronteiras contemporâneo produz não apenas exclusão material, mas também uma economia visual em que a figura do migrante irregular é construída como perigo, legitimando práticas de vigilância e contenção.

É nesse cenário que a produção artística de migrantes e refugiados se torna crucial, pois atua como contra-narrativa ao reconfigurar os regimes de visibilidade. Ao propor contra-narrativas visuais, artistas migrantes desafiam o enquadramento securitário que associa o refugiado à ameaça. Tal enquadramento tem sido analisado por Tazzioli (2021), que demonstra como a figura do migrante é tratada como risco para o Estado-nação, servindo de justificativa para políticas de detenção e deportação. A arte, nesse sentido, pode operar como espaço que desestabiliza: ao invés de reforçar a associação entre mobilidade e perigo, constrói visibilidades que expõem a violência das fronteiras e a humanidade dos sujeitos que as atravessam. Como observa Mirzoeff (2011), a política visual contemporânea implica disputar quem tem o poder de produzir imagens legítimas do mundo social. Omari, ao inverter papéis e atribuir vulnerabilidade a líderes globais, confronta diretamente esse dispositivo de segurança, revelando o caráter construído das narrativas que criminalizam a migração.

A categoria de vulnerabilidade tem sido frequentemente associada à fragilidade e à precariedade. No entanto, autores como Butler (2004; 2009) ressignificaram o conceito ao entendê-lo como condição relacional e compartilhada da vida social. Em *Precarious Life* (2004), Butler argumenta que reconhecer a vulnerabilidade implica assumir a interdependência entre os sujeitos e, portanto, abrir espaço para formas de responsabilidade política. Já em *Frames of War* (2009), ela mostra como determinadas molduras de representação definem quais vidas são reconhecidas como passíveis de luto e quais permanecem invisíveis, revelando que

a distribuição da vulnerabilidade está atravessada por relações de poder.

Essa perspectiva encontra ressonância na produção artística de Abdalla Al Omari, pois ao deslocar líderes mundiais para a posição de refugiados, suas obras evidenciam que a vulnerabilidade não é atributo exclusivo dos marginalizados, mas dimensão constitutiva de toda vida humana, ainda que distribuída de forma desigual pelas estruturas políticas e mediáticas. Assim, a vulnerabilidade emerge como uma linguagem capaz de atravessar fronteiras nacionais e culturais, instaurando possibilidades de empatia e de contestação em escala global.

6. Considerações finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo buscou evidenciar que as narrativas visuais da migração constituem um campo central de disputa política na contemporaneidade, no qual arte, poder e mobilidade se entrecruzam de maneira indissociável. A análise da obra de Abdalla Al Omari demonstrou que práticas artísticas contemporâneas podem intervir criticamente nos regimes hegemônicos de visibilidade, não apenas representando o deslocamento forçado, mas reorganizando as formas pelas quais ele é percebido, narrado e politicamente regulado.

Nesse percurso, torna-se fundamental distinguir entre arte política e ativismo digital, categorias frequentemente sobrepostas, mas que operam em níveis distintos no caso analisado. A obra de Omari se inscreve como arte política na medida em que sua força crítica reside na própria operação estética: a inversão iconográfica do poder, a mobilização da vulnerabilidade como linguagem visual e a produção de dissenso no campo do sensível reconfiguram hierarquias de visibilidade e reconhecimento. Trata-se de uma política da estética, que atua antes no plano da percepção do que no da mensagem explícita. Ao mesmo tempo, a circulação ampliada dessas imagens em redes digitais, plataformas mediáticas e circuitos

transnacionais confere à obra uma dimensão de ativismo digital.

Essa distinção permite compreender de maneira mais precisa a singularidade da produção de Omari. Sua obra não se reduz a uma denúncia ilustrativa nem a uma estética da sensibilização moral. Ao reinscrever a vulnerabilidade como linguagem estética transnacional, ela desloca o privilégio simbólico da invulnerabilidade atribuído às elites políticas e expõe a precariedade como condição constitutiva da vida social, ainda que distribuída de forma profundamente desigual. Esse deslocamento desestabiliza os enquadramentos visuais que sustentam a marginalização de populações migrantes e refugiadas, recolocando a responsabilidade política no centro do campo visual.

Além disso, a análise evidenciou que o exílio e o deslocamento forçado operam, na obra de Omari, não apenas como temas, mas como métodos estéticos e epistemológicos. A experiência migratória, compreendida como posição de estranhamento crítico, informa uma gramática visual capaz de articular memória, denúncia e imaginação política. Nesse sentido, a arte migrante analisada neste artigo ultrapassa a representação do sofrimento e se afirma como prática de contestação simbólica e de produção de novas formas de comunidade.

Ao reinscrever a vulnerabilidade como potência crítica, a obra de Omari contribui para repensar o papel das imagens na configuração das relações de poder contemporâneas. Em um contexto marcado por regimes de fronteira cada vez mais violentos, economias visuais securitárias e desigualdades globais persistentes, práticas artísticas como a de Omari demonstram que a arte política pode abrir fissuras no consenso visual dominante e imaginar alternativas simbólicas para o presente. Mais do que denunciar o poder, essas imagens reconfiguram o comum, oferecendo novos modos de ver, sentir e compartilhar a experiência humana em um mundo atravessado pela migração.

A análise da obra de Abdalla Al Omari nos permitiu vislumbrar como práticas estéticas podem

transgredir os limites da representação e operar como dispositivos de crítica que tensionam a ordem global das imagens. Ao retratar líderes mundiais na posição de deslocados, Omari nos provoca a pensar que a vulnerabilidade não pode ser restrita aos corpos oprimidos ou subalternizados, mas constitui uma dimensão universal da existência humana, embora distribuída de modo desigual pelos regimes de poder. Esse deslocamento desestabiliza o privilégio simbólico da invulnerabilidade atribuído às elites políticas e expõe a precariedade como condição compartilhada. A vulnerabilidade, nesse sentido, se converte em potência crítica, desafiando as hierarquias visuais que sustentam a marginalização de populações migrantes e refugiadas.

O potencial disruptivo da série *The Vulnerable* não reside apenas em seu conteúdo, mas também na sua capacidade de se disseminar globalmente, alcançando públicos que ultrapassam os limites institucionais do circuito artístico. Nesse processo, a própria lógica da reprodução digital (muitas vezes acusada de banalizar a experiência estética) é ressignificada como condição de expansão política, na medida em que amplia o alcance das mensagens críticas.

A vulnerabilidade, ao ser reinscrita como linguagem estética, deixa de ser categoria passiva e se torna horizonte de contestação política. Em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, exclusões sistemáticas e processos de vigilância digital, reconhecer a precariedade como dimensão constitutiva da vida social pode abrir caminhos para imaginar formas mais solidárias de pertencimento. O ativismo digital, nesse quadro, não deve ser lido apenas como manifestação artística engajada, mas como espaço crítico em que se travam disputas centrais — quem tem direito a ser visível, quem pode narrar sua própria história e quais vidas são reconhecidas como dignas de luto e de cuidado. Ao ressignificar essas questões por meio da arte, Omari oferece mais do que uma denúncia do poder, ele constrói um espaço simbólico de reconfiguração do comum.

Referências bibliográficas

- [1] Azoulay, A. (2012). *Civil imagination: A political ontology of photography*. Verso.
- [2] Azoulay, A. (2019). *Potential history: Unlearning imperialism*. Verso.
- [3] Benjamin, W. (1987). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* (Trad. S. P. Rouanet). Brasiliense.
- [4] Benjamin, W. (1993). *Arte e política*. Brasiliense.
- [5] Benjamin, W. (2012). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* (8ª ed., pp. 179–212). Brasiliense.
- [6] Boullata, K. (2009). *Palestinian art: From 1850 to the present*. Saqi Books.
- [7] Braidotti, R. (2013). *The posthuman*. Polity Press.
- [8] Butler, J. (2004). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. Verso.
- [9] Butler, J. (2009). *Frames of war: When is life grievable?* Verso.
- [10] Catalani, A. (2019). Refugee artists and memories of displacement: A visual semiotics analysis. *Visual Communication*, 18(5), 1–25. <https://doi.org/10.1177/1470357219850117>
- [11] Chouliaraki, L., & Georgiou, M. (2022). *The digital border: Migration, technology, power*. New York University Press.
- [12] Coutinho, S. R., & Santos, J. E. (2022). Migração e conflito sírio: A narrativa por trás da imagem. *Vista*, 9, 1–16. <https://doi.org/10.21814/vista.4247>
- [13] Fassin, D. (2012). *Humanitarian reason: A moral history of the present*. University of California Press.
- [14] Fayyad, H. (2021, 10 de fevereiro). *The Arab Spring: A social media revolution?* [Vídeo]. *Middle East Eye*. <https://www.middleeasteye.net/video/arab-spring-social-media-revolution>
- [15] Halasa, M., Omareen, Z., & Mahfoud, N. (Eds.). (2014). *Syria speaks: Art and culture from the frontline*. Saqi Books.
- [16] Hall, S. (2003). Quem precisa da identidade? In T. T. da Silva (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 105–114). Vozes.
- [17] Ianchovichina, E., & Devarajan, S. (2021, 21–25 de junho). *Why does the Arab Spring keep coming back?* [Apresentação em conferência]. Annual Bank Conference on Development Economics 2021: Global Unrest. World Bank. <https://thedocs.worldbank.org/en/doc/8215471cb2c756b0908a67de4e0d9ca8-0050022021/original/Why-Does-the-Arab-Spring-Keep-Coming-Back.pdf>

- [18] Khosravi, S. (2010). *'Illegal' traveller: An auto-ethnography of borders*. Palgrave Macmillan.
- [19] Mahfoud, N., Halasa, M., & Omareen, Z. (2014). *Syria speaks: Art and culture from the frontline*. Saqi Books.
- [20] Malkki, L. (1996). Speechless emissaries: Refugees, humanitarianism, and dehistoricization. *Cultural Anthropology*, 11(3), 377–404. <https://doi.org/10.1525/can.1996.11.3.02a00050>
- [21] Mezzadra, S., & Neilson, B. (2013). *Border as method, or, the multiplication of labor*. Duke University Press.
- [22] Mirzoeff, N. (2011). *The right to look: A counterhistory of visibility*. Duke University Press.
- [23] Momani, B. (2014, 10–12 de abril). *The Arab Spring is genuine revolution, but a bumpy and arduous road ahead* [Comunicação]. The Institute for New Economic Thinking and the Centre for International Governance Innovation (CIGI) Annual Meeting, Toronto, Canadá. https://www.ineteconomics.org/uploads/papers/MOMANI_Bessma_-Arab-Spring-a-Genuine-Revolutionary-Movement.pdf
- [24] Rancière, J. (2010). A estética como política. *Devires – Cinema e Humanidades*, 7(2), 14–36.
- [25] Rancière, J. (2010). Política da arte. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 2(15), 45–59. <https://doi.org/10.5965/1414573102152010045>
- [26] Rancière, J. (2019). Dar política à estética? *Revista Alceu*, 19(38), 5–16.
- [27] Said, E. W. (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Companhia das Letras.
- [28] Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Companhia das Letras.
- [29] Seale, P. (2011). Os dilemas da dinastia de Al-Assad. *Le Monde Diplomatique*. <https://diplomatique.org.br/os-dilemas-da-dinastia-de-al-assad/>
- [30] Tazzioli, M. (2021). Choking without killing: Opacity and the grey area of migration governmentality. *Political Geography*, 89, 102412. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2021.102412>
- [31] Wallace, J. (2017). *Understanding the Syrian revolution through nontraditional art* (Honors Senior Theses/Projects, No. 142). Western Oregon University. https://digitalcommons.wou.edu/honors_theses/142
- [32] Williamson, L. (2024). I hope Assad pays the price, says mother whose son's death inflamed 2011 Syrian revolution. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/articles/ckg9z3r2xp9o>

Bio

Jesner Esequiel dos Santos é Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), com Mestrado na mesma área pela UPM (2023). Bacharel em Teologia pela UPM (2015) e pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2020). Atualmente, cursa Licenciatura em História no Centro Universitário ETEP. Atua como professor no Seminário Presbiteriano de Jesus e como docente convidado no Seminário Presbiteriano de Guiné-Bissau, na África Ocidental. É membro do grupo de pesquisa do Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Migração e Imagem (UPM), desenvolvendo investigações nas áreas de História do Oriente Médio, Imagem e Terrorismo, com ênfase na Estética do Terror. Na área teológica, dedica-se às temáticas de Apologética, Teoria da Guerra Justa, História do Antigo Testamento e Escatologia. É autor do livro *O Caminho Religioso na Primavera Árabe Síria* (BTBooks, 2015).

Suzana Ramos Coutinho é Pós-doutora em Antropologia Social pela University of Cambridge (2013), Ph.D. em Estudos da Religião pela Lancaster University, Inglaterra (2009), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e graduação em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). É fotógrafa profissional pelo SENAC São Paulo e especialista em Fotografia como Arte Contemporânea pelo SENAC São Paulo. É professora e vice-coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC/São Paulo e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da mesma universidade.

Soraya Cassia de Almeida Vasconcelos é doutoranda em Educação, Artes e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, com bolsa CAPES, onde integra o grupo de pesquisa CEMI –

Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Migração e Imagem. É mestre em Educação e Tecnologias Digitais pela Universidade de Lisboa (2019) e licenciada e bacharel em Artes pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (1997). Possui especialização em psicanálise e arteterapia pelo CEFAS – Centro de Formação e Assistência à Saúde. Fundadora do Ateliê

Casa das Poéticas, dedica-se ao desenvolvimento de práticas formativas e terapêuticas que articulam arte, subjetividade e cuidado em saúde mental. Sua atuação combina investigação acadêmica, produção artística e intervenção social, com ênfase nas relações entre imagem, processos educativos, temas sensíveis e práticas de cuidado.

Artigo recebido em 2025-09-30

Artigo aceite em 2026-01-13

Artigo publicado em 2026-02-23

© 2026 Jesner Esequiel dos Santos, Suzana Ramos Coutinho, Soraya Cassia de Almeida Vasconcelos

Esequiel dos Santos, J., Ramos Coutinho, S., & de Almeida Vasconcelos, S. C. (2026). A vulnerabilidade do poder: Arte política e narrativas visuais da migração na obra de Abdalla Al Omari. *Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 6(1). <https://doi.org/10.34623/2184-8661.2026.v6i1.529>

© ⓘ ⓘ ⓘ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)